

## O CEDRO



Fonte: [Um pé de quê?](#)

[BARRETO, Lima. *O cedro de Teresópolis*. In: **Bagatelas**. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923, p. 197-199.]

O eminente poeta Alberto de Oliveira, segundo informações dos jornais, está empenhado em impedir que um proprietário ganancioso derrube um cedro venerável que lhe cresce nos terrenos.

A árvore é remanescente de antigas florestas que outrora existiram para aquelas bandas e viu crescer Teresópolis já adulto.

Não conheço essa espécie de árvore, mas deve ser bela porque Alberto de Oliveira se interessa pela sua conservação.

Homem de cidade, tendo viajado unicamente de cidade para cidade, nunca me foi dado ver essas essências florestais que todos que as contemplam se enchem de admiração e emoção superior diante dessas maravilhas naturais.

O gesto de Alberto de Oliveira é sem dúvida louvável e não há homem de mediano gosto que não o aplauda do fundo d'alma.

Tenho para mim que, à vista da quantia exigida por este, ela só poderá ser subscrita por gente rica, em cuja bolsa umas poucas centenas de réis não façam falta.

Aí é que me parece que o carro pega. Não é que tenha dúvidas sobre a generosidade da nossa gente rica; o meu ceticismo não vem daí.

A minha dúvida vem do seu mau gosto, do seu desinteresse pela natureza. Excessivamente urbana, a nossa gente abastada não povoa os arredores do Rio de Janeiro de vivendas de campo com pomares, jardins, que os figurem graciosos como a linda paisagem da maioria deles está pedindo.

Os nossos arrabaldes e subúrbios são uma desolação. As casas de gente abastada têm, quando muito, um jardinzito liliputiano de polegada e meia; e as da gente pobre não tem coisa alguma.

Antigamente, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim.

Os ricos gostavam de possuir vastas chácaras, povoadas de laranjeiras, de mangueiras soberbas, de jaqueiras, dessa esquisita fruta-pão que não vejo mais e não sei há quantos anos não há como assada e untada de manteiga.

Não eram só essas árvores que enchiam, mas muitas outras de frutas adorno, como as palmeiras soberbas, tudo isso envolvido por bambuais sombrios e sussurrantes à brisa.

Onde estão os jasmineiros das cercas? Onde estão aqueles extensos tapumes de maricás que se tornam de algodão que mais é neve, em pleno estio?

Os subúrbios e arredores do Rio guardam dessas belas coisas roceiras, destroços como recordações.

A rua Barão do Bom Retiro que vem do Engenho Novo à Vila Isabel dá a quem por ela passa uma amostra disso.

São restos de bambuais, de jasmineiros que se enlaçavam pelas cerca em fora; são mangueiras isoladas, tristonhas, saudosas das companheiras de alameda que morreram ou foram mortas.

Não se diga que tudo isso desapareceu para dar lugar a habitações; não, não é verdade. Há trechos e trechos grandes de terras abandonadas, onde os nossos olhos contemplam esses vestígios das velhas chácaras da gente importante de antanho que tinha esse amor fidalgo pela “casa” e que deve ser amor e religião para todos.

Que os pobres não possam exercer esse culto; que os médios não o possam também, vá lá! e compreende-se; mas os ricos? Qual o motivo?

Eles não amam a natureza; não têm, por lhes faltar irremediavelmente o gosto por ela, a iniciativa para escolher belos sítios, onde ergueram as suas custosas residências, e eles não faltam no Rio.

Atulham-se em dois ou três arrabaldes que já foram lindos, não pelas edificações, e não só pelas suas disposições naturais, mas também, e muito, pelas grandes chácaras que neles havia.

Botafogo está neste caso, Laranjeiras, Tijuca e Gávea também.

Aos famosos melhoramentos que têm sido levados a cabo nestes últimos anos, com raras exceções, tem presidido o maior contrassenso.

Os areais de Copacabana, Leme, Vidigal, etc. é que têm merecido os carinhos dos reformadores apressados.

Não se compreende que uma cidade se vá estender sobre terras combustas e estéreis, e ainda por cima açoitadas pelos ventos e perseguidas as suas vias públicas pelas fúrias do mar alto.

A continuar assim, o Rio de Janeiro irá por Sepetiba, Angra dos Reis, Ubatuba, Santos, Paranaguá, sempre procurando os areais e os lugares onde o mar se possa desencadear em ressacas mais fortes.

É preciso não cessar em profligar tal erro; tanto mais que não há erro, o que há é especulação, jogo de terrenos, que são comprados a baixo preço e os seus proprietários procuram valorizá-los num ápice de tempo, encaminhando para eles os melhoramentos municipais.

Todo o Rio de Janeiro paga impostos, para que tal absurdo seja posto em prática; e os panurgianos ricos vão docilmente satisfazendo a cupidez de matreiros sujeitos para quem a beleza, a saúde dos homens, os interesses de uma população nada valem.

É por isso que disse não me fiar muito que Alberto de Oliveira alcançasse realizar o seu desiderato.

Os ricos se afastam dos encantos e perspectivas dos sítios em que possam casar o mais possível a arte e a natureza.

Perderam a individualidade da escolha; não associam à natureza as suas emoções nem esta lhes provoca meditações.

O estado dos arredores do Rio, abandonados, enfeitados com construções contraindicadas, cercados de terrenos baldios onde ainda crescem teimosamente algumas grandes árvores das casas de campo de antanho, faz desconfiar que os nababos de Teresópolis pouco se incomodam com o cedro que o turco quer derrubar, para fazer caixas e caixões que guardem quinquilharias e bugigangas.

Daí pode ser que não; e eu desejaria muito que tal acontecesse, pois deve ser um soberbo espetáculo contemplar a magnífica árvore, cantando e afirmando pelos tempos em fora, a vitória que obteve tão somente pela força de sua beleza e majestade.

*(27/02/1920)*

# Bagatelas

RIO DE JANEIRO  
Empresa de Romances, Populações  
Rua do Carmo, 35  
1923

## Advertencia

*Composto de artigos de varias naturezas e que podem merecer varias classificações, inclusive a de não classificaveis, este pequeno livro não visa outro intuito senão permittir aos espiritos bondosos que me têm acompanhado, nos meus modestos romances, a leitura de algumas reflexões sobre factos, cousas e homens da nossa terra, que, fulgo, talvez sem razão, muito proprias a mim.*

*Apparecidos em revistas e jornaes modestos é bem de crer que taes espiritos não tenham lobrigado a existencia delles; e é somente por esse motivo que os costuro em livro, sem nenhuma outra pretensão, nem mesmo a de justificar a minha candidatura á Academia de Letras.*

*Percebo perfeitamente que seria mais prudente deixal-os enterrados nas folhas em que appareceram, pois muitos delles não são lá muito innocentes; mas, conscientemente, quero que as inimizades que elles possam ter provocado contra mim, se consolidem, porquanto, com S. Ignacio de Loyola, penso que não ha inimigo tão perigoso como não ter absolutamente inimigo.*

Rio de Janeiro, 13—8—18.

LIMA BARRETO.

## ○ cedro de Therezopolis

O eminente poeta Alberto de Oliveira, segundo informações dos jornaes, está empenhado em impedir que um proprietario ganancioso derrube um cedro veneravel que lhe cresce nos terrenos.

A arvore é remanescente de antigas florestas que outr'ora existiram para aquellas bandas e viu crescer Therezopolis já adulto.

Não conheço essa especie de arvore, mas deve ser bella porque Alberto de Oliveira se interessa pela sua conservação.

Homem de cidade, tendo viajado unicamente de cidade para cidade, nunca me foi dado ver essas essencias florestaes que todos que as contemplam, se enchem de admiração e emoção superior deante dessas maravilhas naturaes.

O gesto de Alberto de Oliveira é sem duvida louvavel e não ha homem de mediano gosto que não o applauda do fundo d'alma.

Desejoso de conservar a reliquia florestal, o grande poeta propoz comprar, ao dono, as terras onde ella crescia.

Tenho para mim que, á vista da quantia exigida por este, ella só poderá ser subscripta por gente rica, em cuja bolsa umas poucas de centenas de mil réis não façam falta.

Ahi é que me parece que o carro péga. Não é que tenha duvidas sobre a generosidade da nossa gente rica; o meu scepticismo não vem dahi.

A minha duvida vem do seu máo gosto, do seu desinteresse pela natureza. Excessivamente urbana, a nossa gente abastada não povôa os arredores do Rio de Janeiro de vivendas de campo com pomares, jardins, que os figurem graciosos como a linda pay-sagem da maioria delles está pedindo.

Os nossos arrabaldes e suburbios são uma desolação. As casas de gente abastada têm, quando muito, um jardimzito liliputiano de pollegada e meia; e as da gente pobre não tem cousa alguma.

Antigamente, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim.

Os ricos gostavam de possuir vastas chacaras, povoadas de laranjeiras, de mangueiras soberbas, de jaqueiras, dessa exquisita fruta-pão que não vejo mais e não sei ha quantos annos não a como assada e untada de manteiga.

Não eram só essas arvores que a enchiam, mas muitas outras de frutas adorno, como as palmeiras soberbas, tudo isso envolvido por bambuaes sombrios e sussurrantes á brisa.

Onde estão os jasmineiros das cercas? Onde estão aquelles extensos tapumes de maricás que se tornam de algodão que mais é neve, em pleno estio?

Os suburbios e arredores do Rio guardam dessas bellas cousas roceiras, destroços como recordações.

A rua Barão do Bom Retiro que vem do Engenho Novo á Villa Isabel dá a quem por ella passa uma amostra disso.

São restos de bambuaes, de jasmineiros que se enlaçavam pelas cercas em fora; são mangueiras isoladas, tristonhas, saudosas das companheiras de alameda que morreram ou foram mortas.

Não se diga que tudo isso desapareceu para dar logar a habitações; não, não é verdade. Ha trechos e trechos grandes de terras abandonadas, onde os nossos olhos contemplam esses vestigios das velhas chacaras da gente importante de antanho que tinha esse amor fidalgo pela "casa" e que deve ser amor e religião para todos.

Que os pobres não possam exercer esse culto; que os medios não o possam tambem, vá lá! e comprehende-se; mas os ricos? Qual o motivo?

Elles não amam a natureza; não têm, por lhes faltar irremediavelmente o gosto por ella, a iniciativa para escolher bellos sitios, onde erguerem as suas custosas residencias, e elles não faltam no Rio.

Atulham-se em dois ou tres arrabaldes que já foram lindos, não pelas edificações, e não só pelas suas disposições naturaes, mas tambem, e muito, pelas grandes chacaras que nelles havia.

Botafogo está neste caso, Laranjeiras, Tijuca e Gavea tambem.

Aos famosos melhoramentos que têm sido levados a cabo nestes ultimos annos, com raras excepções, tem presidido o maior contrasenso.

Os areiaes de Copacabana, Leme, Vidigal, etc., é que têm merecido os carinhos dos reformadores apressados.

Não se comprehende que uma cidade se vá estender sobre terras combustas e estereis e ainda por cima açoitadas pelos ventos e perseguidas as suas vias publicas pelas furias do mar alto.

A continuar assim, o Rio de Janeiro irá por Sepetiba, Angra dos Reis, Ubatuba, Santos, Paranaguá, sempre procurando os areiaes e os logares onde o mar se possa desencadear em resacas mais fortes.

E' preciso não cessar em profligar tal erro; tanto mais que não ha erro, o que ha é especulação, jogo de terrenos, que são comprados a baixo preço e os seus proprietarios procuram valorisal-os num apice de tempo, encaminhando para elles os melhoramentos municipaes.

Todo o Rio de Janeiro paga impostos, para que tal absurdo seja posto em pratica; e os panurgianos ricos vão docilmente sa-

tisfazendo a cupidez de matreiros sujeitos para quem a belleza a saude dos homens, os interesses de uma população nada valem.

E' por isso que disse não me fiar muito que Alberto de Oliveira alcançasse realizar o seu desideratum.

Os ricos se afastam dos encantos e perspectivas dos sitios em que possam casar o mais possivel a arte e a natureza.

Perderam a individualidade da escolha; não associam á natureza as suas emoções nem esta lhes provoca meditações.

O estado dos arredores do Rio, abandonados, enfeitados com construcções contra-indicadas, cercados de terrenos baldios onde ainda crescem teimosamente algumas grandes arvores das casas de campo de antanho, faz desconfiar que os nababos de Therezopolis pouco se incommodam com o cedro que o turco quer derrubar, para' fazer caixas e caixões que guardem quinquilharias e bugigangas.

Dahi pode ser que não; e eu desejaria muito que tal acontecesse, pois deve ser um soberbo espectáculo contemplar a magnifica arvore, cantando e affirmando pelos tempos em fora, a victoria que obteve tão somente pela força de sua belleza e magestade.

27—2—20.

## O vanguardismo socioecocrítico de Lima Barreto em “O cedro de Teresópolis” (1923 [1920])

*Maritsa Kantikas*

“O cedro de Teresópolis” é uma crônica de Lima Barreto que data de 27 de fevereiro de 1920, e foi publicada no livro *Bagatelas*, de 1923 — uma espécie de coletânea de “(...) artigos de varias naturezas e que podem merecer varias classificações, inclusive a de não classificáveis” (*sic*) (BARRETO, 1923 [1918], p. 3), como exprime uma advertência escrita pelo próprio autor em 1918, e que figura já no início da obra .

Barreto (1881-1922, Rio de Janeiro) paira, até hoje, entre alguns rótulos; dentre eles os de ‘marginal’ e ‘marginalizado’. O de ‘marginal’ se relaciona ao fato de que ele realmente não transitava ou se enquadrava à elite da época — até mesmo voluntariamente; o de ‘marginalizado’ tem a ver com o fato de que, de certa forma, ele era colocado à margem por representantes dessa mesma elite (KANTIKAS, 2019). Quanto a isso, na mesma advertência de 1918, ele declara que

(...) conscientemente, quero que as inimidades que elles possam ter provocado contra mim, se consolidem, porquanto, com S. Ignacio de Loyola, penso que não ha inimigo tão perigoso como não ter absolutamente inimigo. (*sic*) (BARRETO, 1923 [1918], p. 3)

No entanto, segundo o professor Benito Rodriguez, em uma *live* no *YouTube*<sup>1</sup>, o autor foi reconhecido já em seu tempo. Todavia, após sua prematura morte, edições póstumas não tão apuradas acabaram causando um desserviço ao seu trabalho. Na ocasião, Rodriguez afirmou, por exemplo, que foi por volta da década de 1940, mediante edições mais competentes, que sua divulgação para o grande público voltou a ganhar força.

Uma das críticas recorrentes que se fez e faz ao autor se deve ao tom “panfletário” de suas obras — uma crítica comum, e, até certo ponto, justa: esta característica é notável nesta crônica e em outras obras, como explora também Alberto Mussa: “Embora seja um escritor canônico, um escritor fundamental, muita gente aponta nele certo desleixo, certa pressa, que priva suas páginas de um melhor acabamento formal e estilístico” (MUSSA, 2013).

Mas talvez não seja exatamente esse o caso; para além dos possíveis problemas com suas edições, apontados por Rodriguez, o “não acabamento” também fez parte do projeto de escrita do autor (CANDIDO, 1989; SEVCENKO, 1983), que acreditava ou prezava pelo predomínio da função sobre a forma: “Lima insistia em que as preocupações gramaticais e estilísticas não deturpassem a naturalidade dos personagens, nem fantasiassem os cenários” (SEVCENKO, 1983, p. 165).

Tal tom, não exatamente panfletário, mas extremamente crítico à sociedade e aos costumes da época, é, portanto, perceptível em muitas das obras de Barreto — inclusive na crônica “O cedro de Teresópolis”. Nesta, o autor refaz um percurso histórico da cidade que figura no título (localizada na região serrana do Rio de Janeiro), por meio de alusões à árvores e espécies da flora em geral que podiam ser encontradas naquele espaço, antes que a presença e o mau juízo de certos homens às pusesse abaixo.

E faz também algo como um ataque ao poeta Alberto Oliveira — parnasiano, membro dessa elite —, que acaba sendo como uma denúncia às atitudes daquela classe da qual ele não fazia parte; a motivação seria a postura aparentemente exagerada do poeta em tentar salvar da derrubada um cedro na cidade.

Poderia-se pensar, portanto, que o objeto — o cedro — seria somente um pretexto. Contudo, isso não é tão simples ou óbvio, e reduzir sua crônica à isso é no

---

<sup>1</sup> A *live* ocorreu no dia 04 de julho de 2020, como parte do evento Poiésis, da UFPR. Por opção dos organizadores, o vídeo não se encontra mais *online*, e por isso não foi creditado nas referências.

mínimo injusto, pois Barreto é flagrantemente crítico às atitudes dos ricos em relação ao meio ambiente.

Quanto a esses abastados, Barreto afirma, por exemplo, que sua dúvida

*(...) vem do seu mau gosto, do seu desinteresse pela natureza. Excessivamente urbana, a nossa gente abastada não povoa os arredores do Rio de Janeiro de vivendas de campo com pomares, jardins, que os figurem graciosos como a linda paisagem da maioria deles está pedindo. (...) Eles não amam a natureza; não têm, por lhes faltar irremediavelmente o gosto por ela, a iniciativa para escolher belos sítios, onde ergueram as suas custosas residências, e eles não faltam no Rio. (BARRETO, 1923 [1920], p. 197-198; grifo meu)*

Na sequência, seu apontamento acerca da especulação imobiliária que assolava a região é ainda mais incisivo e certo:

*É preciso não cessar em profligar tal erro; tanto mais que não há erro, o que há é especulação, jogo de terrenos, que são comprados a baixo preço e os seus proprietários procuram valorizá-los num ápice de tempo, encaminhando para eles os melhoramentos municipais. Todo o Rio de Janeiro paga impostos, para que tal absurdo seja posto em prática; e os panurgianos ricos vão docilmente satisfazendo a cupidez de matreiros sujeitos para quem a beleza, a saúde dos homens, os interesses de uma população nada valem. (BARRETO, 1923 [1920], p. 198-199; grifo meu)*

Tal trecho culmina na afirmação “É por isso que disse não me fiar muito que Alberto de Oliveira alcançasse realizar o seu desiderato” (BARRETO, 1923 [1920], p. 199) — ajudando a reforçar a hipótese de que justificar a crítica apenas por uma suposta inimizade é uma resposta reducionista e rasa.

Suas observações também vão além de Teresópolis, e fazem previsões sobre o futuro da cidade/de bairros do Rio de Janeiro, comparando as duas cidades à outras (incluindo Paranaguá, no Paraná), que também sofreram e haveriam de sofrer com as consequências das modificações antrópicas sobre o ambiente natural.

Todos os pontos anteriormente elencados ajudam a demonstrar o quanto, mesmo no início do século XX, Lima Barreto já estava explicitamente alinhado às discussões (não necessariamente atuais, mas relativamente recentes) socioecocríticas, ao buscar evidenciar o interesse conveniente de classes ditas superiores, e seu desprezo — ou mesmo completo desprezo! — pela vida humana que não lhes convém, pela flora (no caso desta crônica) e/ou pelo meio ambiente como um todo.

Tais temas não são abordados apenas nesta crônica; outros exemplos são identificáveis inclusive em outros gêneros literários abordados por Barreto: em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911) o autor trata, em diversos momentos, dos gêneros e espécies “alimentícias” nativas do Brasil (e de sua valorização ou desvalorização com o passar do tempo e o desenvolvimento da nação); no conto “Miss Edith e seu tio” ele comenta (assim como em “O cedro de Teresópolis”) sobre a dizimação das árvores das antigas chácaras na cidade do Rio de Janeiro.

Considerar esses e os demais conflitos e temas abordados por Barreto no conjunto de sua obra, e o recorte temporal de sua produção, ajuda a corroborar o frequente comentário de críticos sobre o vanguardismo do autor — principalmente quando verificamos a permanência de vários dos problemas por ele retratados nos dias de hoje.

Dessa forma, revisitar Lima Barreto e suas obras sob novas perspectivas (inclusive a ecocrítica) é não apenas pertinente, mas também necessário, seja por sua literariedade, seja por seu teor documental — teores que ainda podem e precisam ser retomados e explorados atualmente.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. O cedro de Teresópolis. In: **Bagatelas**. Rio de Janeiro : Empresa de Romances Populares, 1923, p. 197-199.

CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: **A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1989, p. 39-50.

KANTIKAS, Maritsa. Representações do masculino, do feminino e de sexualidade em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá e São Bernardo*. **Revista Versalete**, Curitiba, vol. 7, nº 13, jul.-dez. 2019, p. 199-215.

MUSSA, Alberto. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. 2013. Disponível em: <http://rascunho.com.br/vida-e-morte-de-m-j-gonzaga-de-sa/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SEVCENKO, Nicolau. Lima Barreto e a “República dos Bruzundangas”. In: **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 161-198.